

Ensaaios frankfurtianos¹

Arnaldo Nogaro

Ensaaios frankfurtianos é uma coletânea que traz no seu bojo onze textos que tratam de temas que nos permitem uma compreensão mais aguçada de alguns teóricos da primeira geração frankfurtiana. Contém a reflexão de importantes teóricos, entre eles Antônio Zuin, Bruno Pucci e Newton Ramos de Oliveira, que também assumem a autoria da sua organização. Para esses a valorização do pensamento teórico-crítico emana da própria realidade. Na apresentação os organizadores dão o tom da obra ao afirmar que se trata de um exercício de pensamento, de uma práxis teórica, de um impulso que nasce da seriedade intelectual.

Nosso intuito é abordar questões centrais trabalhadas pelos autores em diferentes momentos da obra sem fazermos menção específica a cada capítulo e autor, priorizando, assim, a abordagem em sua totalidade, não pelas suas partes, o que acreditamos que se tornaria cansativo. O objetivo maior é o de despertar no leitor o desejo de ir à produção, de “saborear” sua essência, muito mais que transmitirmos como a obra se estrutura.

Os mais importantes filósofos da educação que foram explícita e até demasiadamente influenciados pela teoria crítica o foram pela primeira fase da obra de Marcuse, Adorno e Horkheimer. Na segunda fase, as contribuições de Adorno e Horkheimer ficaram de lado e não iluminaram os caminhos traçados pelas várias versões da chamada “pedagogia crítica”.

O tom geral da teoria crítica da época é que a teoria nunca é neutra. A teoria do conhecimento desses autores subsidia a intenção da superação das opressões sociais e manipulações ideológicas. Essa inclinação se coloca como sustento de uma “postura revolucionária” adotada por vários representantes da pedagogia crítica. Para Gur-Zé Ev, Giroux é o protótipo do autor que desconsidera os últimos trabalhos de Adorno e Horkheimer. Este autor segue Marcuse e ignora as reservas que os mesmos fizeram ao seu projeto revolucionário muito fácil. Adorno e

* Doutor em Educação/UFRGS. Professor da URI-Campus de Erechim.

¹ ZUIN, Antônio A. S.; PUCCI, B.; RAMOS, N. (Org.). *Ensaaios frankfurtianos*. São Paulo: Cortez, 2004.

Horkheimer firmaram o eixo utópico num modo extremamente original de pessimismo filosófico. O conhecimento dessa perspectiva oportuniza à pedagogia crítica o usufruto da parte madura da teoria crítica.

A compreensão parcial da obra dos representantes da Escola de Frankfurt compromete a interpretação de conceitos centrais para uma pedagogia crítica. O exemplo de Marcuse é digno de menção. Para ele, os fracassos serviriam de lições para as futuras gerações e, em determinadas lutas, a utopia educativa deve permanecer como sinal de que um dia poderá ser realizada, pois os impasses e barreiras históricas podem ser superados.

Nas obras finais de Adorno e Horkheimer a negação implícita de qualquer projeto educacional emancipador otimista e positivo aparece em toda sua rudeza. Elas são indispensáveis para entendermos o atual momento histórico da cultura ocidental, não só como desafio teórico e educacional a ideologias pós-modernas, mas como novas possibilidades de cosmopolitismo e o aparecimento real de contra-educação.

As referências ao pensamento de Adorno começam a tomar lugar num capítulo que procura fazer uma releitura da dialética negativa recompondo a razão como categoria central. Segundo ele, nessa tarefa a filosofia é chamada a definir-se no impasse histórico que se encontra na segunda metade do século XX. Que espaço ocuparia a filosofia? Adorno pode ser considerado um filósofo tradicional, no pleno sentido do termo? O que estaria propondo

a dialética negativa? Como dialética, é movimento e, como tal, sobrevive de suas contradições. Assim, a razão vive sob a sugestão permanente da onipotência dos pensamentos, tendo, para se defender deles, apenas suas armas. A razão para sobreviver precisa voltar-se para si mesma em sua contradição intrínseca de viver questionando os pilares de sua própria sustentação.

Ao avançarmos na leitura, encontramos Turcke, que aborda com propriedade os efeitos da sensação em nossa sociedade, na qual ser significa tornar-se percebido. As pessoas e os acontecimentos são levados por uma lógica na qual se deve surpreender para sobreviver, onde a luta pela existência transforma-se num problema estético. Valem todos os artifícios para mostrar e mostrar-se, mesmo que a lógica seja a da compra e venda. Sua abordagem se reveste de especial importância para fazermos referência crítica à massificação da mídia e ao seu poder imagético de suplantar gostos e desejos. Os extremos é que são justificados e o horror ganha beleza na interação do movimento com as cores vivas. O exibicionismo público é sinônimo de sucesso, isolar-se é estar à ruína, sem que se possa duvidar ou suspeitar de que seja falso ou verdadeiro, ou seja, a luta pela sobrevivência passa a ser a luta pela percepção. O poder da fascinação da sensação audiovisual provoca um feitiço no cidadão emancipado, tornando-o, muitas vezes, irresponsável. O estar vivo passa a estar condicionado ao estar na tela.

A ironia ganha espaço no texto que pretende investigar até que ponto

é um recurso fundamental da teoria crítica. A ironia é um modo de expressão, é a percepção manifesta de que há uma violenta contradição entre o que é colocado e o que é verdade. É quando descobrimos que há uma lógica perfeita que casa com a situação e que não estava prevista, que não é esperada. A ironia aparece e se impõe contra qualquer outro possível argumento; é uma dissimulação bem intencionada. A expressão irônica não necessita de explicação, mas desnuda-se à percepção do outro. Para entender a ironia é preciso superar a ingenuidade, ou seja, necessita de um espírito aguçado de percepção.

Há uma relativa dificuldade para definir, precisar, o que seja a ironia. Como é caracterizada pela dimensão humana, sofre as mudanças semânticas próprias da contingência humana. Mas há um objetivo que parece ser unânime: fazer o outro tomar consciência do bem-pensar e do bem-sentir.

A estética e a filosofia negativa voltam à cena no debate que Pucci estabelece em seu ensaio, procurando analisar a contribuição da filosofia e da estética para a reflexão filosófica educacional. Ele divide o texto em dois momentos, nos quais aborda três argumentos em favor da filosofia e três argumentos em favor da estética. Tematiza a filosofia negativa e defende que a dialética negativa, auxiliada pela estética, pode ajudar a reflexão educacional a ser rigorosa, objetiva e crítica. Para o autor, não há uma supremacia de um ou de outro aspecto. O que ele pretende é trazer uma exposição sistemática de fragmentos que

nos colocam frente à problemática da formação educacional.

O filósofo como educador recebe uma abordagem que resulta numa reflexão teórica que nos permite pensar desafios e problemas que são nossos hoje e, eventualmente, descobrir caminhos de solução. Para chegar a tal intento, o autor busca uma aproximação inusitada entre as concepções de formação filosófica em Nietzsche e Kant.

Para Nietzsche, o segredo de toda verdadeira educação é libertação, no sentido de arejamento, iluminação, promoção, abertura de espaços e horizontes, desabrochamento, emancipação. Para ele, o *fatum* que resiste a todo aprendizado se revela, pois, no decurso do tempo e das experiências, com o filósofo, como verdadeiro educador, agindo para a justa e completa maturação e florescimento daquele cerne entrevado, informe, agrilhado e soterrado de entulho, que aspire por desabrochar, por ser libertado e trazido à luz da figuração.

Trata-se de seguir rumo a uma concepção de formação como prática de si, como relação consigo pela mediação espetacular dos outros. O ideal de educador autêntico ganha em Nietzsche um tom de rebeldia por excelência e que não se submete à rotina do ambiente escolar, à estreiteza das disciplinas curriculares.

O paralelo com Kant aparece quando da análise do conceito de filosofia e da compreensão que este estabelece. A filosofia é a ciência da referência de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana, e o filósofo é não um artista da razão, mas

seu legislador. Em suma, aqui comunicam os esforços de Kant e Nietzsche: o perigo da submissão da filosofia a fins alheios e o perigo da especialização esterilizante.

A filosofia adquire o sentido de legislação da razão humana e o filósofo é aquele que pode ser denominado, em sentido pleno, legislador e gestor do fim supremo da razão: a destinação do homem como ser moral. Assim, se a filosofia é a legislação que institui o fim supremo da razão humana, então, filósofo é, essencialmente, educador. Educar é tarefa eminentemente ética, que não se confunde com o adestramento para obter sucesso no presente; é formar e elevar o homem ao nível de plenitude configurado pelo ideal de humanidade.

No caminho da discussão feita depararmo-nos com um texto que aborda a questão do corpo, uma temática pouco peculiar nos debates teóricos. A sociedade da máquina, da tecnologia, acaba por se sobrepor à subjetividade humana. Símbolo de avanço, esses artefatos têm contribuído para forjar a identidade do homem moderno. As questões do espírito passam a ocupar lugar importante, no entanto as questões do corpo, da materialidade se revestem de significado especial. Em algumas passagens da *Dialética do esclarecimento*, Adorno trata da educação do corpo no contexto da indústria cultural, expressão mais marcante da sociedade em transformação, porque o corpo exerce um papel fundamental na construção do sujeito esclarecido. Como o corpo é tratado no mundo contemporâneo? O que faz parte do corpo

e o que é extensão do corpo no mundo da técnica? Qual o limite que separa o homem (corpo) do objeto material (equipamento, tecnologia)? Parece uma idéia um tanto estranha, mas trata-se de suscitar o debate de uma pedagogia para o corpo na sociedade contemporânea.

Há uma racionalização do corpo, fruto da predominância de um modelo perceptivo que não leva em consideração a totalidade do sujeito. Essa mesma tendência foi levada para dentro do esporte, onde o corpo deve ser a expressão da natureza dominada, fruto do treinamento, seja em esportes de alto rendimento, seja em academias de ginástica e musculação. O homem pensa que, quanto mais exercitar seu corpo, mais vai atingir sua plenitude, a superação de si mesmo e de seus limites, no entanto mais se torna matéria manipulável e, portanto, com menos vida. O exercício feito para dar mais liberdade ao corpo torna-se disciplina e regramento, regulação tecnicista. As manifestações em relação ao corpo na cultura moderna suscitam o questionamento e o debate ético a respeito do esporte como espetáculo, como expressão da indústria cultural.

Freud também ganha lugar no ensaio que estamos resenhando. Ele e seus posicionamentos a respeito do sentimento religioso, expresso e prestigiado pelos seres humanos, são problematizados a partir da individualidade do sujeito, do "eu", enquanto unidade em relação ao mundo exterior. Para ele, o princípio do poder domina todas as nossas necessidades vitais. A libido erótica é a que mantém unidos

os seres humanos nas suas diferentes manifestações coletivas, entre as quais estão as religiosas. Essa crença de Freud não impede que ele reconheça a força da determinação social da psique humana. Sabe que tanto a formação do “eu” quanto o desdobramento desse em “supereu” só são possíveis pela mediação do outro.

O texto traz a construção de Freud a respeito dos impulsos destrutivos e do sentimento de culpa. Nele o pecado ganha um olhar diferenciado do da religião, sendo compreendido como um mal-estar resultante do sentimento de culpa, uma insatisfação sentida por nós e inerente ao desenvolvimento da própria civilização. Nosso psiquismo vive o conflito entre o eu narcísico e o apelo social do grupo. Nesse embate dos princípios de prazer e desprazer, amor e ódio, nascem os mecanismos de identificação com líderes ou massas que podemos observar nas sociedades contemporâneas.

A tentativa de fazer uma releitura de conceitos do cotidiano à luz da Escola de Frankfurt é o tema do nono capítulo da obra. Conceitos como escola, docência, formação são analisados à luz dos referenciais da Escola de Frankfurt com o interesse de registrar alguns pontos de opacidade nas representações sociais sobre os mesmos. Sobreira divide o texto, prioritariamente, em dois momentos: no primeiro, discorre sobre os vínculos estabelecidos entre razão e formação de professores a partir de novas conformações que Adorno e Horkheimer conceituam como “indústria cultural”; no segundo, as relações entre política

e educação de educadores são interpretadas à luz da nova intransparência de Habermas. Concluindo, o autor traz alguns elementos à formação negativa do educador.

A categoria “indústria cultural” utilizada para a compreensão da escola moderna é justificada porque a escola se tornou um aparato da indústria cultural exatamente por ser *locus* privilegiado da disseminação de semi cultura. A reflexão do autor a respeito se centra em três aspectos: primeiro, em sendo a escola uma demanda relacionada à razão, sua organização depende do seu afastamento das paixões; segundo, fora da escola, o tempo livre conquistado pela luta política da força de trabalho foi, progressivamente, objeto da intervenção da indústria cultural; terceiro, o conceito de qualidade de formação, presente tanto no primitivo ideário burguês quanto no antigo desejo operário, é substituído pelo rendimento.

A constatação de que no Brasil existe uma crise mais complexa que a crise geral da política e da educação está situada na crença de que a ressignificação da educação universal pública como esquema de bem-estar social sequer se apresenta na agenda do poder constituído. Para reverter esse quadro, é preciso investir na luta político-pedagógica interna contra a lógica de mercado que regula a convivência escolar e politizar a prática pedagógica na formação de professores. E a formação negativa tem como tarefa político-pedagógica favorecer a emersão dessas experiências arcaicas de formação para colocá-las no jogo

discursivo que, em última instância, é o da emancipação política.

A sociedade moderna propiciou à cultura mediática um ambiente agradável no qual ela pôde se desenvolver a pleno vapor. Nela a novidade tecnológica suplantou o ser humano, reduzindo-o à condição de consumidor, dando a sensação de integração sistêmica ao mundo globalizado, da superação das formas tradicionais de regular a produção e a subjetividade. Nessa dimensão, as necessidades humanas não são mais determinadas pelo sujeito, mas pelas novas mercadorias que são criadas. E ao sistema educativo cabe tornar o homem consciente dessa mistificação, não só dos mecanismos que atrofiaram a imaginação, mas, ainda mais, de que a tecnologia representa, ilusoriamente, a extensão da felicidade humana.

No último capítulo do livro, Benjamin é apresentado numa tentativa de desvendar o que denomina “lógica subjetiva”. Esta se daria basicamente por duas situações: a primeira, na constatação de que o aparato tecnológico criado diminui a dependência entre os homens e, conseqüentemente, enfraquecer o processo de socialização; a segunda incide no fato de que o usuário estaria reduzido ao gesto mínimo, ao movimento mais simples, reduzindo o tempo dedicado a essas operações anteriormente. Em resumo, sua análise incide sobre a forma como o produto é destinado ao consumidor a

fim de facilitar sua posse e manuseio.

A natureza da indústria cultural na época da globalização deixa confusos seus críticos, pois ganha uma forma de vida em que altera substancialmente seu modo de relacionamento com o consumidor. No lugar do produto acabado, agora oferece a promessa de que o usuário de determinado equipamento irá conseguir interagir com ele de muitas maneiras, podendo alcançar resultados criativos e originais. Essa interação exige não só a expressão corporal, nas reações psíquicas e intelectuais, absorvendo cada vez mais nossas capacidades e reduzindo nossa autonomia; como conseqüência, temos cada vez mais sujeitos e sociedades manipulados e controlados.

O contato com os *Ensaio frankfurtianos*, num primeiro momento, provocou uma interrogação sobre como construir uma resenha de temas, à primeira vista, tão diferentes. Tomamos a decisão do primeiro passo: ler o texto. Nossa surpresa foi grande quando, já na apresentação, encontrávamos algumas indicações da constituição da mesma e, ao chegarmos ao final, podemos testemunhar com propriedade a respeito do fio condutor que une os diferentes temas e sua inter-relação. Em síntese, podemos afirmar que se trata de uma releitura dos autores da Escola de Frankfurt procurando mostrar como a teoria crítica ainda tem lugar como suporte para a leitura do cotidiano num mundo globalizado.